Jovens otimistas

Os jovens brasileiros são, no mundo, aqueles que mais confiam no futuro, são, ao menos recentes pesquisas sociais, os mais otimistas. Eles encaram os dias de amanhã com segurança, e este é um estado d'alma que vem da melhoria das condições na área do estudo propriamente dito e no aspecto relacionado à obtenção do emprego. Ainda que a maior parte dos jovens que saem das bancas escolares ostente a crença nas promessas do mercado em expansão, essa faixa da população nacional não assume empregos com exímios portadores de experiência misturada à qualificação técnica. Em todo caso, é notório que, de dois e três anos para cá, o mercado de trabalho tem absorvido número crescente de jovens, que levam para o primeiro emprego, mais do que em outros países, uma porção peque-

na, em princípio inadequada, daquela formação técnica havida pelos especialistas como imprescindível à missão a que se candidatam

O Centro de Políticas Sociais (IBRE) da Fundação Getúlio Vargas vem de divulgar pesquisa feita com a abrangência de 132 países, na qual os especialistas em comportamento social fizeram tudo para determinar o grau do otimismo das populações e suas causas. Quando a resposta ao inquérito de opinião dá para o otimismo, os técnicos em apreço estarão a falar de um presumido "índice de felicidade futura". O outro lado é o popular pessimismo. Quanto à felicidade futura, o índice nacional do Brasil atingiu 8,78%, o mais elevado de todos aqueles 132 países do mundo atual. No conjunto do país otimista por excelência, o Brasil, os jovens lideram também o respec-

tivo ranking mundial, com a taxa de 9,29%. Sabe-se que, em 2007, do total do 1,62 milhão de empregos formais criados no âmbito da economia nacional, 93% foram ocupados pelos moços que a estatística costuma colocar entre os 15 e os 29 anos de idade. Esta circunstância terá pois militado na obtenção, pelos jovens brasileiros, do lugar de honra da relação mundial de países a que aludimos. Sabe-se também que concorreu para o posicionamento em alarde o aumento da renda média dos jovens residente das Regiões Metropolitanas do país; ela se expandiu 10,5% entre os anos de 2004 e 2008.

O economista Marcelo Nery, dos quadros da referida Fundação Getúlio Vargas, põe em evidência o fato de que, até o exercício de 2003, "a economia do país se manteve estagnada", porém, logo depois, elevou-se 22,9% nos três exercícios seguintes. Se houve, antes, uma fase de desemprego no país, logo depois o que houve foi o contrário, isto é, uma espécie de "apagão" da mão-de-obra caracterizado por uma aborrecida escassez da oferta em todos os quadrantes do território brasileiro. De outro lado, registra-se agora ter aumentado o número de horas que os jovens passam dentro das escolas. Entre 1992 e 2006, contaram-se 3,1 anos de estudo para os moços na idade entre 15 e 21 anos e de 2,5 anos para os jovens na idade entre 22 e 29 anos. As autoridades estariam atribuindo prioridade ao estudo diante do trabalho para indivíduos com até 21 anos de idade.

Num resumo do que se deu e dá nos 27 estados da Federação, o preenchimento do emprego dos jovens cresceu mais em Goiânia, Palmas, Curitiba, Campo Grande, São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte, cidades que deixam as outras capitais na retaguarda, enquanto a taxa do desemprego foi maior, pela ordem, em Salvador, Recife, Aracaju, Manaus, Maceió, São Luís e São Paulo. O desemprego em Salvador superou os 23,8% e, no Recife, quase bate os 20%, segundo o estudo objeto deste comentário.

Num resumo do que se deu e dá nos 27 estados da Federação, o preenchimento do emprego dos jovens cresceu mais em Goiânia, Palmas, Curitiba, Campo Grande, São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte